

# brrr, uhh, shhhh

## francisco venâncio

Texto por João Terras

*Se nenhuma pintura conclui a pintura, se mesmo nenhuma obra está absolutamente concluída, cada criação muda, altera, esclarece, confirma, exalta, recria ou cria de antemão todas as outras. Se as criações não são algo adquirido, não é apenas porque, como todas as coisas passam, é também porque têm quase toda a vida à sua frente.<sup>1</sup>*

— Merleau – Ponty

### A fecundidade da Pintura

Os trabalhos de Francisco Venâncio operam numa lógica circular entre o Desenho e a Pintura, recolocam o observador no cerne dessa lógica convocando-lhes à premissa do equívoco num jogo de fusão onde o desenho se torna pintura e a pintura se metamorfoseia no desenho. Por extensão desta lógica, as formas, os espaços, os lugares e as referências encontradas em algumas das criações bidimensionais, parecem exteriorizar-se no corpo dos mais recentes objetos criados. Aqui o retorno circular do seu trabalho convoca novamente a nossa atenção. Precisando, a escala dos objetos que agora observamos existe dentro de uma outra lógica, uma lógica temporal. Primeiro, são matéria como referência para o lugar da Pintura, segundo como referência inversa naquilo que agora se tornam da Pintura ao objeto, e por último projetam-se permitindo-nos adivinhar o próximo passo. Ou seja, para além de nos possibilitarem tocar nas camadas do pensamento e criação do artista, toda esta lógica de recuos e avanços, de existência e de não-existência, de matéria e ideia, de visível e invisível, de acontecimento e projeção que subsiste na obra de Venâncio, confere-lhe um carácter fecundo, algo que emerge no lugar do silêncio, que se exalta na procura de um comunicar, que se consoma na forma de nunca se encerrar. O Pintor não fala sobre o mundo, não é da realidade a sua criação, não reclama a sua intenção, o Pintor oferece o seu corpo, silencia e por fim oferece-nos a possibilidade de existirmos num lugar algures entre este mundo e um outro.

A fecundidade das formas que o artista cria convoca-nos para o lugar de uma caligrafia que sufoca por se alcançar, a luta do lugar do signo que se não busca, se exalta. Se hoje carecemos de uma linguagem que nos salve da surdez, por erro ou sorte, a matéria que Venâncio nos permite será a de uma linguagem do infinito. É nos impossível não subjugarmos o olhar à forma, a jogos de procura, tentativas de encontro, caminhos de memorização, porém estes desenhos, pinturas e objetos libertam-nos de qualquer surdez, permitem-nos viajar do significado ao significante sugerindo-nos a existência de narrativas que logo superamos por não terem continuidade, definem-se em última escala como imagens em potência para uma linguagem a imergir.

A par, existe uma espessura da escala do invisível, algo que premeia todas estas criações, seja na tela, no papel ou nos objetos, seja sobre a linha ou sobre a mancha. Uma espécie de gordura, de cera, de brilho, de vidro, algo no qual tudo parece ficar imerso, lento, congelado. Essa camada que vive algures entre a sombra e o silêncio, existe porque o trabalho de Venâncio se torna num arquivo do seu próprio trabalho. Com o mesmo ímpeto o artista cria, com o mesmo ímpeto abandona, se hoje inscreve amanhã

apaga, se hoje lembra amanhã esquece. Um trabalho que continuamente se supera, seja na forma serial com que vai desenvolvendo o seu trabalho, seja no lento retomar da mesma peça, acrescentando-lhe camadas sobre camadas revertendo-lhe novas formas e realidades. Em último caso, podemos chegar a duvidar se este será afinal o estado final da Pintura, se o artista não se entregará mais uma vez, se não lhe ocorrerá mais uma mudança. Esta atitude torna-se libertadora, retira o peso claustrofóbico do objeto artístico encerrado, permite-nos aceder ao lugar do infinito de que a arte tanto necessita. Assim, esta repercussão encáustica da matéria, essa ideia que vai do criar ao apagar, do pintar e superar, posiciona o artista num lugar de potência diante de uma obra que aparenta ter temor do fim sem nunca se preocupar com isso.

### A matriz do desenho

O desenho era em Lapa o alcance das palavras, em Ângelo de Sousa a raiz impermeável e autónoma das suas linguagens, e poderíamos continuar, o desenho existe no universo de todos seja nos lugares de pausa, seja no alcance da sua existência una. O desenho é coisa Vital, escrevia algures Nuno Faria, acrescentando ainda É necessário e é performativo, engendra e é engendrado pelo fazer. Situa-se num espaço intersticial, entre duas modalidades perceptivas, duas formas de decifrar o mundo: ver e ler.<sup>2</sup> Espaço de matriz, sulco da pulsão, lugar que surge na pausa do tempo do pensamento e nas basculações da criação, o Desenho é se não também o alfabeto de um lugar sem referência, e o trabalho de Venâncio circula nesse lugar, da pintura ao desenho e no seu reverso, onde a referência é rapidamente substituída por uma outra, criando sempre paisagens de uma outra realidade, matérias e formas que nos possibilitam a deslocação continua, irrecuperável e recorrente. A permanência e repetição de algumas formas, traços ou manchas, levam-nos a suspeitar da criação de signos e escritos de uma linguagem/comunicação concreta, mas rapidamente percebemos que esse retorno acontece para dar salto a uma nova forma, a uma nova língua, e a memorização de formas são na verdade recuos de gestos ao seu imaginário. Assim as camadas que figuram em cada tela, pano, tecido, gesso, forma, objeto têm apenas a referência de um tempo. Um tempo de imediatismos que nunca se alcança. O tempo e o lugar de uma juventude, de uma sua juventude, que encontramos sempre presente no universo daqueles que mais se cansam.

Por fim, as obras de Venâncio existem no caminho e na prequela entre o desenho e a escrita, um processo de criação que caminha no lugar matricial da linguagem, na sua componente oral e performativa, constituindo no seu caso, lugares caligráficos, alfabetos impotentes e palavras do desvio. E não poderemos esquecer este lugar fantástico que o artista nos permite, esse lugar onde continuamos à procura da nossa realidade, da nossa escrita, dos nossos caracteres, das nossas referências, o lugar soberbo que nos oferece é o da constatação de signos gerados sobre o império de uma linguagem que nasce sem território, tempo e espaço e que por isso nos intriga e fascina, precisamente, por ser mais amplo que o conhecido. Talvez por isso, o branco, o lugar do princípio, da luz, do silêncio, do começar e recomeçar.

O começo de um desenho, como o começo de uma pintura, tal como Llansol nos dizia com o começo de um livro, como acontecerá sempre com o começo de uma vida. Inesgotável lugar esse o do começar.

O começo de um livro é precioso. Muitos começos são preciosíssimos. Mas breve é o começo de um livro – mantém o começo prosseguindo. Quando este se prolonga, um livro seguinte se inicia. Basta esperar que a decisão da intimidade se pronuncie. Vou chamar-lhe fio \_\_\_\_\_ linha, confiança, crédito, tecido<sup>3</sup>

— Maria Gabriela Llansol

1. MERLEAU-PONTY, M. O Olho e o Espírito. Vega, Publicação Passagens (2009), p. 74. / 2. FARIA, N. Composição do Ar; Energia e Forma. Publicações CIAJG (2012), p.140 / 3. LLANSOL, Maria Gabriela. O começo de um livro é precioso. Lisboa: Assírio & Alvim, (2003), p. 1.

## **Diálogo achado entre duas obras de francisco venâncio**

Texto por Hugo Miguel Santos

«Premier chapitre, continuer. Deuxième chapitre: commencer. L'ordre, qui étonne, fait presque toute l'idée. Continuer, c'est le seul moyen de changer.»

— Alain, in 'Minerve ou De la sagesse'

**A: Repara.**

**B: Não. Esquece isso.**

**Apaga.**

**A: Então... volto ao princípio.**

**Apago.**

**B: Isso. Apara.**

**A: Apara-lápis.**

**B: Sim. Afia.**

**A: Afia-lápis.**

**B: Claro. Pega no lápis.**

**Afia.**

**A: Afio o lápis.**

**B: Não!**

**A: Não?**

**B: Esquece o lápis.**

**Pega no... Pega no Pincel.**

**A: Pego no pincel.**

**B: Hmmm... não.**

**Esquece isso.**

**A: Então? Voltamos ao princípio?**

**B: Não. Esquece o princípio.**

**A: Porquê?**

**B: Esquece isso.**

**A: Mas repara! Estás a voltar ao princípio.**

**B: Não há princípio.**

**A: Não há?**

**B: Já não há.**

**A: Como assim “já não há”?**

**B: Repara, talvez tenha havido...**

**A: (Intromete-se) Talvez?**

**B: Talvez. Mas já não existe.**

**Já acabou.**

**A: Mas sendo assim... que sentido tem continuarmos?**

**B: Continuarmos.**

**A: Como assim?**

**B: Continuamos, repara... repara como continuamos.**

**A: Não percebo.**

**B: O que quero dizer é que... temos a memória, temos uma vaga memória de termos começado, mas é só isso.**

**A: Mas, então, como é que temos a certeza, quer dizer... como é que podemos ter a certeza que continuamos?**

**B: Ainda aqui estamos, certo?**

**A: Pelos vistos.**

**B: Exacto. Pelos vistos.**

**(Pausa)**

**A: Mas então porque é que às vezes parámos?**

**B: Parámos? Isso vem de parar?**

**A: De parar com o quê?**

**B: O quê?**

**A: Shhhh...**

**B: Shhhh...? O que é isso? Isso é uma palavra?**

**A: Repara nas reticências...**

**(Silêncio)**

**B: Uma pausa é um silêncio?**

**A: Não.**

**B: Então?**

**A: A pausa e o silêncio podem assemelhar-se.**

**Mas são diferentes.**

**B: Qual é a diferença?**

**A: O tempo. A diferença tem sempre a ver com o tempo.**

**B: E qual é a diferença?**

**A: Uma pausa tem três segundos. Re—pá—ra.**

**B: (1,2,3)**

**(Pausa)**

**B: E um silêncio? Quanto tempo tem um silêncio?**

**A: Repara de novo: (1, 2, 3, 4, 5, ...)**

**B: Não percebi...**

**A: Com calma, repara: (1,2,3,4,5,...)**

**B: (1,2,3,4,5,...)**

**A e B: (1,2,3,4,5,...)**

**E, entretanto, abre-se a porta.**

**Algumas pessoas começam a entrar.**

**Tratam de se cumprimentar.**

**Falam. Sorriem.**

**Cumprem a vã cortesia de chegar.**

**Estáticas, “Sem título” (A) e “Sem título” (B) continuam.**

**Sem título, entre aspas e parêntesis.**

**Continuam bem antes de começar.**